



**Viver como irmãos e irmãs,
fundamento e caminho para a paz**

PAX CHRISTI PORTUGAL

**Viver como irmãos e irmãs,
fundamento e caminho para a paz**

CONTRIBUTOS PARA A CELEBRAÇÃO DO

47º DIA MUNDIAL DA PAZ

1 DE JANEIRO 2014

Lisboa
Dezembro de 2013

Viver como irmãos e irmãs, fundamento e caminho para a paz. Contributos para a Celebração do 47º Dia Mundial da Paz. 1 de Janeiro 2014

Produzido por: Pax Christi Portugal

Dezembro de 2013

Disponível on-line em: <http://www.paxchristiportugal.net>

SUMÁRIO

EM JEITO DE INTRODUÇÃO

Praticar um olhar empático e de comunhão com o outro.....	7
---	---

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 47º DIA MUNDIAL DA PAZ

Fraternidade, fundamento e caminho para a paz	9
---	---

PARA UM MUNDO MAIS FRATERNAL

Uma só família humana, alimento para todos.....	19
Movimento contra o discurso de ódio.....	21
Não deixem que nos roubem a esperança	23

SUGESTÕES PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 2014

Coletânea de Orações.....	25
Sugestões para assinalar o Dia Mundial da Paz e usar o tema	27
Ideias para trabalhar com crianças.....	29
Para aprofundar.....	31

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2014)

	33
--	----

EM JEITO DE INTRODUÇÃO...

*Praticar um olhar empático e de comunhão com o outro**

Os valores humanos do amor, da sensibilidade, do cuidado, da comensalidade e da veneração podem impor limites à voracidade do poder-dominação e à exploração-produção-acumulação.

Leonardo Boff, in Para não perecer: a convivialidade necessária, 2012

Não é novidade reconhecer que a primeira década do século XXI não trouxe boas notícias ao mundo ocidental. Afeiçoados à ideia de um progresso tecnológico continuado e ao crescimento económico ilimitado, compatíveis com bem-estar, qualidade de vida, coesão social, democracia e justiça social, os povos do chamado mundo desenvolvido deixaram-se iludir pela ideia de que a felicidade pessoal se alcançaria através do mero acesso aos bens materiais através do consumo, e fizeram do dinheiro o critério das suas opções de vida.

As consequências nefastas deste paradigma sentem-se, agora, de maneira dramática nas disfuncionalidades da economia e da organização das nossas sociedades, na perda de qualidade das relações sociais, num clima geral de stress e insegurança quanto ao futuro, realidades difíceis de acomodar na vida quotidiana.

Em particular, as relações entre as pessoas, na família como no trabalho, nos atendimentos dos serviços ou no trânsito e con-

dução automóvel, dão sinais de grande crispação, quando não de manifesta agressividade.

Preocupa-me ver que há quem tenha desprendido de reparar na pessoa com quem se cruza. Ou, mais ainda, assusta-me constatar que, para alguns, o colega de trabalho é visto como inimigo, um concorrente e, em última análise, como o causador da sua insatisfação pessoal difusa...

Se queremos gerar um mundo mais humano, teremos de arrear caminho e é urgente fazê-lo.

Já nos anos 70 do século passado, Ivan Illich chamou a atenção para a necessidade de introduzir na sociedade uma cultura de convivialidade que permeabilizasse a dureza do modelo de produção industrial e recentrasse a organização da economia e das sociedades na dignidade da pessoa humana e nas suas relações.

Hoje, mais do que nunca, importa descobrir o valor e o alcance desta dimensão convi-

* In: http://www.fundacao-betania.org/escritos/escritos_2013/imprimir_escrito_novembro.htm.

vial da existência humana e cultivar o gosto do outro, expressando-o em todas as circunstâncias, não só por palavras, gestos e atitudes, como também dando-lhe concretização no modo de funcionamento das economias e das sociedades.

Uma tal mudança requer motivação e determinação, que toque a consciência individual, pois há que aprender a libertar-nos dos véus do nosso egoísmo e indiferença. São eles que nos impedem de ver o outro com a devida claridade e inteireza, de o respeitar na sua dignidade intrínseca e independentemente de funções sociais que desempenhe, de o considerar como parte de mim mesmo e de o amar como irmão.

Precisamos de descobrir a alegria de um olhar empático e de comunhão com o outro, e exercitá-lo nos nossos quotidianos, de modo a espalhar o óleo lubrificador de que este tempo áspero tanto carece.

O olhar é o espelho da alma, e esta é a porta de entrada da visão que tenho do outro, visão que me habita e move. Por isso é tão importante dar atenção à limpidez e sageza do nosso olhar, afim de construir uma relação com o outro que assente numa mundividência verdadeiramente humana.

Esta é a transformação que, verdadeiramente, está ao nosso alcance: trazer a este mundo de alta complexidade e sujeito a enredada teia de poderes, brotos de mudança no caminho de um mundo mais humano.

Esta é a diferença que dá testemunho da minha fé em Jesus Cristo e na palavra salvadora do Evangelho.

Manuela Silva

Novembro 2013

*A narração de Caim e Abel
ensina que a humanidade
traz inscrita em si mesma
uma vocação à fraternida-
de, mas também a possibi-
lidade dramática da sua
traição. Disso mesmo dá
testemunho o egoísmo
diário, que está na base de
muitas guerras e injusti-
ças: na realidade, muitos
homens e mulheres mor-
rem pela mão de irmãos e
irmãs que não sabem reco-
nhecer-se como tais, isto é,
como seres feitos para a
reciprocidade, a comunhão
e a doação.*

[...]

*Há necessidade que a fra-
ternidade seja descoberta,
amada, experimentada,
anunciada e testemunha-
da; mas só o amor dado
por Deus é que nos permi-
te acolher e viver plena-
mente a fraternidade.*

PAPA FRANCISCO
Mensagem para o 47º Dia Mundial da Paz

MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 47º DIA MUNDIAL DA PAZ

FRATERNIDADE, FUNDAMENTO E CAMINHO PARA A PAZ*

1. Nesta minha primeira Mensagem para o Dia Mundial da Paz, desejo formular a todos, indivíduos e povos, votos duma vida repleta de alegria e esperança. Com efeito, no coração de cada homem e mulher, habita o anseio duma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar.

Na realidade, a fraternidade é uma dimensão essencial do homem, sendo ele um ser relacional. A consciência viva desta dimensão relacional leva-nos a ver e tratar cada pessoa como uma verdadeira irmã e um verdadeiro irmão; sem tal consciência, torna-se impossível a construção duma sociedade justa, duma paz firme e duradoura. E convém desde já lembrar que a fraternidade se começa a aprender habitualmente no seio da família, graças sobretudo às funções responsáveis e complementares de todos os seus membros, mormente do pai e da mãe. A família é a fonte de toda a fraternidade, sendo por isso mesmo também o fundamento e o caminho

primário para a paz, já que, por vocação, deveria contagiar o mundo com o seu amor.

O número sempre crescente de ligações e comunicações que envolvem o nosso planeta torna mais palpável a consciência da unidade e partilha dum destino comum entre as nações da terra. Assim, nos dinâmismos da história – independentemente da diversidade das etnias, das sociedades e das culturas –, vemos semeada a vocação a formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros. Contudo, ainda hoje, esta vocação é muitas vezes contrastada e negada nos factos, num mundo caracterizado pela «globalização da indiferença» que lentamente nos faz «habituar» ao sofrimento alheio, fechando-nos em nós mesmos.

Em muitas partes do mundo, parece não conhecer tréguas a grave lesão dos direitos humanos fundamentais, sobretudo dos direitos à vida e à liberdade de religião. Exemplo preocupante disso mesmo é o dramático fenómeno do tráfico de seres humanos, sobre cuja vida e desespero especulam pessoas sem escrúpulos. Às

* In: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xliv-giornata-mondiale-pace-2014_po.html.

guerras feitas de confrontos armados juntam-se guerras menos visíveis, mas não menos cruéis, que se combatem nos campos econômico e financeiro com meios igualmente demolidores de vidas, de famílias, de empresas.

A globalização, como afirmou Bento XVI, torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. [1] As inúmeras situações de desigualdade, pobreza e injustiça indicam não só uma profunda carência de fraternidade, mas também a ausência duma cultura de solidariedade. As novas ideologias, caracterizadas por generalizado individualismo, egocentrismo e consumismo materialista, debilitam os laços sociais, alimentando aquela mentalidade do «descartável» que induz ao desprezo e abandono dos mais fracos, daqueles que são considerados «inúteis». Assim, a convivência humana assemelha-se sempre mais a um mero *ut des* pragmático e egoísta.

Ao mesmo tempo, resulta claramente que as próprias éticas contemporâneas se mostram incapazes de produzir autênticos vínculos de fraternidade, porque uma fraternidade privada da referência a um Pai comum como seu fundamento último não consegue subsistir.[2] Uma verdadeira fraternidade entre os homens supõe e exige uma paternidade transcendente. A partir do reconhecimento desta paternidade, consolida-se a fraternidade entre os homens, ou seja, aquele fazer-se «próximo» para cuidar do outro.

«ONDE ESTÁ O TEU IRMÃO?» (Gn 4,9)

2. Para compreender melhor esta vocação do homem à fraternidade e para reconhecer de forma mais adequada os obstáculos que se interpõem à sua realização e identificar as vias para a superação dos mesmos,

é fundamental deixar-se guiar pelo conhecimento do desígnio de Deus, tal como se apresenta de forma egrégia na Sagrada Escritura.

Segundo a narração das origens, todos os homens provêm dos mesmos pais, de Adão e Eva, casal criado por Deus à sua imagem e semelhança (cf. *Gn* 1,26), do qual nascem Caim e Abel. Na história desta família primigénia, lemos a origem da sociedade, a evolução das relações entre as pessoas e os povos.

Abel é pastor, Caim agricultor. A sua identidade profunda e, conjuntamente, a sua vocação é *ser irmãos*, embora na diversidade da sua atividade e cultura, da sua maneira de se relacionarem com Deus e com a criação. Mas o assassinato de Abel por Caim atesta, tragicamente, a rejeição radical da vocação a ser irmãos. A sua história (cf. *Gn* 4,1-16) põe em evidência o difícil dever, a que todos os homens são chamados, de viver juntos, cuidando uns dos outros. Caim, não aceitando a predileção de Deus por Abel, que Lhe oferecia o melhor do seu rebanho – «o Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta» (*Gn* 4,4-5) –, mata Abel por inveja. Desta forma, recusa reconhecer-se irmão, relacionar-se positivamente com ele, viver diante de Deus, assumindo as suas responsabilidades de cuidar e proteger o outro. À pergunta com que Deus interpela Caim – «onde está o teu irmão?» –, pedindo-lhe contas da sua ação, responde: «Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (*Gn* 4, 9). Depois – diz-nos o livro do Génesis –, «Caim afastou-se da presença do Senhor» (4,16).

É preciso interrogar-se sobre os motivos profundos que induziram Caim a ignorar o vínculo de fraternidade e, simultaneamente,

[1] Cf. Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 19: AAS 101 (2009), 654-655.

[2] Cf. FRANCISCO, Carta enc. *Lumen fidei* (29 de Junho de 2013), 54: AAS 105 (2013), 591-592.

te, o vínculo de reciprocidade e comunhão que o ligavam ao seu irmão Abel. O próprio Deus denuncia e censura a Caim a sua contiguidade com o mal: «o pecado deitar-se-á à tua porta» (Gn 4,7). Mas Caim recusa opor-se ao mal, e decide igualmente «lançar-se sobre o irmão» (Gn 4,8), desprezando o projeto de Deus. Deste modo, frustra a sua vocação original para ser filho de Deus e viver a fraternidade.

A narração de Caim e Abel ensina que a humanidade traz inscrita em si mesma uma vocação à fraternidade, mas também a possibilidade dramática da sua traição. Disso mesmo dá testemunho o egoísmo diário, que está na base de muitas guerras e injustiças: na realidade, muitos homens e mulheres morrem pela mão de irmãos e irmãs que não sabem reconhecer-se como tais, isto é, como seres feitos para a reciprocidade, a comunhão e a doação.

«E VÓS SOIS TODOS IRMÃOS» (Mt 23,8)

3. Surge espontaneamente a pergunta: poderão um dia os homens e as mulheres deste mundo corresponder plenamente ao anseio de fraternidade, gravado neles por Deus Pai? Conseguirão, meramente com as suas forças, vencer a indiferença, o egoísmo e o ódio, aceitar as legítimas diferenças que caracterizam os irmãos e as irmãs?

Parafraseando as palavras do Senhor Jesus, poderemos sintetizar assim a resposta que Ele nos dá: dado que há um só Pai, que é Deus, vós sois todos irmãos (cf. Mt 23,8-9). A raiz da fraternidade está contida na paternidade de Deus. Não se trata de uma paternidade genérica, indistinta e histórica-

mente ineficaz, mas do amor pessoal, solícito e extraordinariamente concreto de Deus por cada um dos homens (cf. Mt 6,25-30). Trata-se, por conseguinte, de uma paternidade eficazmente geradora de fraternidade, porque o amor de Deus, quando é acolhido, torna-se no mais admirável agente de transformação da vida e das relações com o outro, abrindo os seres humanos à solidariedade e à partilha ativa.

Em particular, a fraternidade humana foi regenerada *em* e *por* Jesus Cristo, com a sua morte e ressurreição. A cruz é o «lugar» definitivo de *fundação* da fraternidade que os homens, por si sós, não são capazes de gerar. Jesus Cristo, que assumiu

a natureza humana para a redimir, amando o Pai até à morte e morte de cruz (cf. Fl 2,8), por meio da sua ressurreição constitui-nos como *humanidade nova*, em plena comunhão com a vontade de Deus, com o seu projeto, que inclui a realização plena da vocação à fraternidade.

Jesus retoma o projeto inicial do Pai, reconhecendo-Lhe a primazia sobre todas as coisas. Mas Cristo, com o seu abandono até à morte por amor do Pai, torna-Se *princípio novo* e *definitivo* de todos nós, chamados a reconhecer-nos n'Ele como irmãos, porque *filhos* do mesmo Pai. Ele é a

própria Aliança, o espaço pessoal da reconciliação do homem com Deus e dos irmãos entre si. Na morte de Jesus na cruz, ficou superada também a *separação* entre os povos, entre o povo da Aliança e o povo dos Gentios, privado de esperança porque permanecera até então alheio aos pactos da Promessa. Como se lê na Carta aos Efésios, Jesus Cristo é Aquele que reconcilia em Si todos os homens. Ele é a paz, porque, dos dois povos, fez um só, derrubando o

*Em Cristo, o
outro é acolhido
e amado como
filho ou filha de
Deus, como
irmão ou irmã, e
não como um
estranho, menos
ainda como um
antagonista ou
até um inimigo*

muro de separação que os dividia, ou seja, a inimizade. Criou em Si mesmo um só povo, um só homem novo, uma só humanidade nova (cf. 2,14-16).

Quem aceita a vida de Cristo e vive n'Ele, reconhece Deus como Pai e a Ele Se entrega totalmente, amando-O acima de todas as coisas. O homem reconciliado vê, em Deus, o Pai de todos e, conseqüentemente, é solicitado a viver uma fraternidade aberta a todos. Em Cristo, o outro é acolhido e amado como filho ou filha de Deus, como irmão ou irmã, e não como um estranho, menos ainda como um antagonista ou até um inimigo. Na família de Deus, onde todos são filhos dum mesmo Pai e, porque enxertados em Cristo, *filhos no Filho*, não há «vidas descartáveis». Todos gozam de igual e inviolável dignidade; todos são amados por Deus, todos foram resgatados pelo sangue de Cristo, que morreu na cruz e ressuscitou por cada um. Esta é a razão pela qual não se pode ficar indiferente perante a sorte dos irmãos.

A FRATERNIDADE, FUNDAMENTO E CAMINHO PARA A PAZ

4. Suposto isto, é fácil compreender que a fraternidade é *fundamento e caminho* para a paz. As Encíclicas sociais dos meus Predecessores oferecem uma ajuda valiosa neste sentido. Basta ver as definições de paz da *Populorum progressio*, de Paulo VI, ou da *Sollicitudo rei socialis*, de João Paulo II. Da primeira, apreendemos que o desenvolvimento integral dos povos é o novo nome da paz[3] e, da segunda, que a paz é *opus solidaritatis*, fruto da solidariedade.[4]

Paulo VI afirma que tanto as pessoas como as nações se devem encontrar num espírito de fraternidade. E explica: «Nesta compreensão e amizade mútuas, nesta comunhão sagrada, devemos (...) trabalhar juntos para construir o futuro comum da humanidade».[5] Este dever recai primariamente sobre os mais favorecidos. As suas obrigações radicam-se na fraternidade humana e sobrenatural, apresentando-se sob um tríptico aspeto: o *dever de solidariedade*, que exige que as nações ricas ajudem as menos avançadas; o *dever de justiça social*, que requer a reformulação em termos mais corretos das relações defeituosas entre povos fortes e povos fracos; o *dever de caridade universal*, que implica a promoção de um mundo mais humano para todos, um mundo onde todos tenham qualquer coisa a dar e a receber, sem que o progresso de uns seja obstáculo ao desenvolvimento dos outros.[6]

Ora, da mesma forma que se considera a paz como *opus solidaritatis*, é impossível não pensar que o seu fundamento principal seja a fraternidade. A paz, afirma João Paulo II, é um bem indivisível: ou é bem de todos, ou não o é de ninguém. Na realidade, a paz só pode ser conquistada e usufruída como melhor qualidade de vida e como desenvolvimento mais humano e sustentável, se estiver viva, em todos, «a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum».[7] Isto implica não deixar-se guiar pela «avidez do lucro» e pela «sede do poder». É preciso estar pronto a «perder-se» em benefício do próximo em vez de o explorar, e a «servi-lo» em vez de o oprimir para proveito próprio (...). O

[3] Cf. PAULO VI, Carta enc. *Populorum progressio* (26 de Março de 1967), 87: AAS 59 (1967), 299.

[4] Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis* (30 de Dezembro de 1987), 39: AAS 80 (1988), 566-568.

[5] Carta enc. *Populorum progressio* (26 de Março de 1967), 43: AAS 59 (1967), 278-279.

[6] Cf. *ibid.*, 44: o. c., 279.

[7] Carta enc. *Sollicitudo rei socialis* (30 de Dezembro de 1987), 38: AAS 80 (1988), 566.

“outro” – pessoa, povo ou nação – [não deve ser visto] como um instrumento qualquer, de que se explora, a baixo preço, a capacidade de trabalhar e a resistência física, para o abandonar quando já não serve; mas sim como um nosso “semelhante”, um “auxílio”».[8]

A *solidariedade cristã* pressupõe que o próximo seja amado não só como «um ser humano com os seus direitos e a sua igualdade fundamental em relação a todos os demais, mas [como] a *imagem viva* de Deus Pai, resgatada pelo sangue de Jesus Cristo e tornada objeto da ação permanente do Espírito Santo»,[9] como um *irmão*. «Então a consciência da paternidade comum de Deus, da fraternidade de todos os homens em Cristo, “filhos no Filho”, e da presença e da ação vivificante do Espírito Santo conferirá – lembra João Paulo II – ao nosso olhar sobre o mundo como que um *novus critério* para o interpretar»,[10] para o transformar.

A FRATERNIDADE, PREMISSA PARA VENCER A POBREZA

5. Na *Caritas in veritate*, o meu Predecessor lembrava ao mundo que uma causa importante da *pobreza* é a falta de *fraternidade* entre os povos e entre os homens. [11] Em muitas sociedades, sentimos uma profunda *pobreza relacional*, devido à carência de sólidas relações familiares e comunitárias; assistimos, preocupados, ao crescimento de diferentes tipos de carências, marginalização, solidão e de várias formas de dependência patológica. Uma tal

pobreza só pode ser superada através da redescoberta e valorização de relações *fraternas* no seio das famílias e das comunidades, através da partilha das alegrias e tristezas, das dificuldades e sucessos presentes na vida das pessoas.

Além disso, se por um lado se verifica uma redução da *pobreza absoluta*, por outro não podemos deixar de reconhecer um grave aumento da *pobreza relativa*, isto é, de desigualdades entre pessoas e grupos que convivem numa região específica ou num determinado contexto histórico-cultural. Neste sentido, servem políticas eficazes que promovam o princípio da *fraternidade*, garantindo às pessoas – iguais na sua dignidade e nos seus direitos fundamentais – acesso aos «capitais», aos serviços, aos recursos educativos, sanitários e tecnológicos, para que cada uma delas tenha oportunidade de exprimir e realizar o seu projeto de vida e possa desenvolver-se plenamente como pessoa.

Reconhece-se haver necessidade também de políticas que sirvam para atenuar a excessiva desigualdade de rendimento. Não devemos esquecer o ensinamento da Igreja sobre a chamada *hipoteca social*, segundo a qual, se é lícito – como diz São Tomás de Aquino – e mesmo necessário que «o homem tenha a propriedade dos bens», [12] quanto ao uso, porém, «não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si mas também aos outros».[13]

[8] *Ibid.*, 38-39: o. c., 566-567.

[9] *Ibid.*, 40: o. c., 569.

[10] *Ibid.*, 40: o. c., 569.

[11] Cf. Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de Junho de 2009), 19: AAS 101 (2009), 654-655.

[12] *Summa theologiae*, II-II, q. 66, a. 2.

[13] Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et spes*, 69; cf. Leão XIII, Carta enc. *Rerum novarum* (15 de Maio de 1891), 19: ASS 23 (1890-1891), 651; João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei*

Por último, há uma forma de promover a fraternidade – e, assim, vencer a pobreza – que deve estar na base de todas as outras. É o desapego vivido por quem escolhe estilos de vida sóbrios e essenciais, por quem, partilhando as suas riquezas, consegue assim experimentar a comunhão fraterna com os outros. Isto é fundamental, para seguir Jesus Cristo e ser verdadeiramente cristão. É o caso não só das pessoas consagradas que professam voto de pobreza, mas também de muitas famílias e tantos cidadãos responsáveis que acreditam firmemente que a relação fraterna com o próximo constitua o bem mais precioso.

A REDESCOBERTA DA FRATERNIDADE NA ECONOMIA

6. As graves crises financeiras e económicas dos nossos dias – que têm a sua origem no progressivo afastamento do homem de Deus e do próximo, com a ambição desmedida de bens materiais, por um lado, e o empobrecimento das relações interpessoais e comunitárias, por outro – impeliram muitas pessoas a buscar o bem-estar, a felicidade e a segurança no consumo e no lucro fora de toda a lógica duma economia saudável. Já, em 1979, o Papa João Paulo II alertava para a existência de «um real e perceptível perigo de que, enquanto progredisse enormemente o domínio do homem sobre o mundo das coisas, ele perca os fios essenciais deste seu domínio e, de diversas maneiras, submeta a elas a sua humanidade, e ele próprio se torne objeto de multi-forme manipulação, se bem que muitas vezes não diretamente perceptível; manipulação através de toda a organização da vida comunitária, mediante o sistema de produ-

ção e por meio de pressões dos meios de comunicação social».[14]

As sucessivas crises económicas devem levar a repensar adequadamente os modelos de desenvolvimento económico e a mudar os estilos de vida. A crise atual, com pesadas consequências na vida das pessoas, pode ser também uma ocasião propícia para recuperar as virtudes da prudência, temperança, justiça e fortaleza. Elas podem ajudar-nos a superar os momentos difíceis e a redescobrir os laços fraternos que nos unem uns aos outros, com a confiança profunda de que o homem tem necessidade e é capaz de algo mais do que a maximização do próprio lucro individual. As referidas virtudes são necessárias sobretudo para construir e manter uma sociedade à medida da dignidade humana.

A FRATERNIDADE EXTINGUE A GUERRA

7. Ao longo do ano que termina, muitos irmãos e irmãs nossos continuaram a viver a experiência dilacerante da guerra, que constitui uma grave e profunda ferida infligida à fraternidade.

Há muitos conflitos que se consomem na indiferença geral. A todos aqueles que vivem em terras onde as armas impõem terror e destruição, asseguro a minha solidariedade pessoal e a de toda a Igreja. Esta última tem por missão levar o amor de Cristo também às vítimas indefesas das guerras esquecidas, através da oração pela paz, do serviço aos feridos, aos famintos, aos refugiados, aos deslocados e a quantos vivem no terror. De igual modo a Igreja levanta a sua voz para fazer chegar aos responsáveis o grito de dor desta humanidade atribulada e fazer cessar, juntamente com as hostilida-

socialis (30 de Dezembro de 1987), 42: AAS 80 (1988), 573-574; Pont. Conselho «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 178.

[14] Carta enc. *Redemptor hominis* (4 de Março de 1979), 16: AAS 61 (1979), 290.

des, todo o abuso e violação dos direitos fundamentais do homem.[15]

Por este motivo, desejo dirigir um forte apelo a quantos semeiam violência e morte, com as armas: naquele que hoje considera apenas um inimigo a abater, redescobri o vosso irmão e detende a vossa mão! Renunciai à via das armas e ide ao encontro do outro com o diálogo, o perdão e a reconciliação para reconstruir a justiça, a confiança e esperança ao vosso redor! «Nesta ótica, torna-se claro que, na vida dos povos, os conflitos armados constituem sempre a deliberada negação de qualquer concórdia internacional possível, originando divisões profundas e dilacerantes feridas que necessitam de muitos anos para se curarem. As guerras constituem a rejeição prática de se comprometer para alcançar aquelas grandes metas económicas e sociais que a comunidade internacional estabeleceu».[16]

Mas, enquanto houver em circulação uma quantidade tão grande como a atual de armamentos, poder-se-á sempre encontrar novos pretextos para iniciar as hostilidades. Por isso, faço meu o apelo lançado pelos meus Predecessores a favor da não-proliferação das armas e do desarmamento por parte de todos, a começar pelo desarmamento nuclear e químico.

Não podemos, porém, deixar de constatar que os acordos internacionais e as leis nacionais, embora sendo necessários e altamente desejáveis, por si sós não bastam para preservar a humanidade do risco de conflitos armados. É precisa uma conversão do coração que permita a cada um

reconhecer no outro um irmão do qual cuidar e com o qual trabalhar para, juntos, construírem uma vida em plenitude para todos. Este é o espírito que anima muitas das iniciativas da sociedade civil, incluindo as organizações religiosas, a favor da paz. Espero que o compromisso diário de todos continue a dar fruto e que se possa chegar também à efetiva aplicação, no direito internacional, do direito à paz como direito humano fundamental, pressuposto necessário para o exercício de todos os outros direitos.

A CORRUPÇÃO E O CRIME ORGANIZADO CONTRASTAM A FRATERNIDADE

8. O horizonte da fraternidade apela ao crescimento em plenitude de todo o homem e mulher. As justas ambições duma pessoa, sobretudo se jovem, não devem ser

frustradas nem lesadas; não se lhe deve roubar a esperança de podê-las realizar. A ambição, porém, não deve ser confundida com prevaricação; pelo contrário, é necessário competir na mútua estima (cf. *Rm* 12,10). Mesmo nas disputas, que constituem um aspeto inevitável da vida, é preciso recordar-se sempre de que somos irmãos; por isso, é necessário educar e educar-se para não considerar o

próximo como um inimigo nem um adversário a eliminar.

A fraternidade gera paz social, porque cria um equilíbrio entre liberdade e justiça, entre responsabilidade pessoal e solidariedade, entre bem dos indivíduos e bem comum. Uma comunidade política deve, portanto, agir de forma transparente e

*A cruz é o
«lugar» definitivo
de fundação da
fraternidade que
os homens, por si
sós, não são
capazes de gerar.*

[15] Cf. Pont. Conselho «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 159.

[16] FRANCISCO, *Carta ao Presidente Vladimir Putin* (4 de Setembro de 2013): *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 8/IX/2013), 5.

responsável para favorecer tudo isto. Os cidadãos devem sentir-se representados pelos poderes públicos, no respeito da sua liberdade. Em vez disso, muitas vezes, entre cidadão e instituições, interpõem-se interesses partidários que deformam essa relação, favorecendo a criação dum clima perene de conflito.

Um autêntico espírito de fraternidade vence o egoísmo individual, que contrasta a possibilidade das pessoas viverem em liberdade e harmonia entre si. Tal egoísmo desenvolve-se, socialmente, quer nas muitas formas de corrupção que hoje se difundem de maneira capilar, quer na formação de organizações criminosas – desde os pequenos grupos até àqueles organizados à escala global – que, minando profundamente a legalidade e a justiça, ferem no coração a dignidade da pessoa. Estas organizações ofendem gravemente a Deus, prejudicam os irmãos e lesam a criação, revestindo-se duma gravidade ainda maior se têm conotações religiosas.

Penso no drama dilacerante da droga com a qual se lucra desafiando leis morais e civis, na devastação dos recursos naturais e na poluição em curso, na tragédia da exploração do trabalho; penso nos tráficos ilícitos de dinheiro como também na especulação financeira que, muitas vezes, assume caracteres predadores e nocivos para inteiros sistemas económicos e sociais, lançando na pobreza milhões de homens e mulheres; penso na prostituição que diariamente ceifa vítimas inocentes, sobretudo entre os mais jovens, roubando-lhes o futuro; penso no abomínio do tráfico de seres humanos, nos crimes e abusos contra menores, na escravidão que ainda espalha o seu horror em muitas partes do mundo, na tragédia frequentemente ignorada dos emigrantes sobre quem se especula indignamente na

ilegalidade. A este respeito escreveu João XXIII: «Uma convivência baseada unicamente em relações de força nada tem de humano: nela veem as pessoas coartada a própria liberdade, quando, pelo contrário, deveriam ser postas em condição tal que se sentissem estimuladas a procurar o próprio desenvolvimento e aperfeiçoamento».[17] Mas o homem pode converter-se, e não se deve jamais desesperar da possibilidade de mudar de vida. Gostaria que isto fosse uma mensagem de confiança para todos, mesmo para aqueles que cometeram crimes hediondos, porque Deus não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva (cf. Ez 18,23).

No contexto alargado da sociabilidade humana, considerando o delito e a pena, penso também nas condições desumanas de muitos estabelecimentos prisionais, onde frequentemente o preso acaba reduzido a um estado sub-humano, violado na sua dignidade de homem e sufocado também em toda a vontade e expressão de resgate. A Igreja faz muito em todas estas áreas, a maior parte das vezes sem rumor. Exorto e encorajo a fazer ainda mais, na esperança de que tais ações desencadeadas por tantos homens e mulheres corajosos possam cada vez mais ser sustentadas, leal e honestamente, também pelos poderes civis.

A FRATERNIDADE AJUDA A GUARDAR E CULTIVAR A NATUREZA

9. A família humana recebeu, do Criador, um dom em comum: a natureza. A visão cristã da criação apresenta um juízo positivo sobre a licitude das intervenções na natureza para dela tirar benefício, contanto que se atue responsavelmente, isto é, reconhecendo aquela «gramática» que está

[17] Carta enc. *Pacem in terris* (11 de Abril de 1963), 17: AAS 55 (1963), 265.

inscrita nela e utilizando, com sabedoria, os recursos para proveito de todos, respeitando a beleza, a finalidade e a utilidade dos diferentes seres vivos e a sua função no ecossistema. Em suma, a natureza está à nossa disposição, mas somos chamados a administrá-la responsabilmente. Em vez disso, muitas vezes deixamo-nos guiar pela ganância, pela soberba de dominar, possuir, manipular, desfrutar; não guardamos a natureza, não a respeitamos, nem a consideramos como um dom gratuito de que devemos cuidar e colocar ao serviço dos irmãos, incluindo as gerações futuras.

De modo particular o sector produtivo primário, o *sector agrícola*, tem a vocação vital de cultivar e guardar os recursos naturais para alimentar a humanidade. A propósito, a persistente vergonha da fome no mundo leva-me a partilhar convosco esta pergunta: *De que modo usamos os recursos da terra?* As sociedades atuais devem refletir sobre a hierarquia das prioridades no destino da produção. De facto, é um dever impelente que se utilizem de tal modo os recursos da terra, que todos se vejam livres da fome. As iniciativas e as soluções possíveis são muitas, e não se limitam ao aumento da produção. É mais que sabido que a produção atual é suficiente, e todavia há milhões de pessoas que sofrem e morrem de fome, o que constitui um verdadeiro escândalo. Por isso, é necessário encontrar o modo para que todos possam beneficiar dos frutos da terra, não só para evitar que se alargue o fosso entre aqueles que têm mais e os que devem contentar-se com as migalhas, mas também e sobretudo por uma exigência de justiça e equidade e de respeito por cada ser humano. Neste sentido, gostaria de lembrar a todos o necessário *destino universal dos bens*, que é um dos princípios fulcrais da doutrina social da Igreja. O respeito deste princípio é a condição essencial para permitir um acesso real

e equitativo aos bens essenciais e primários de que todo o homem precisa e tem direito.

CONCLUSÃO

10. Há necessidade que a fraternidade seja descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada; mas só o amor dado por Deus é que nos permite acolher e viver plenamente a fraternidade.

O necessário realismo da política e da economia não pode reduzir-se a um tecnicismo sem ideal, que ignora a dimensão transcendente do homem. Quando falta esta abertura a Deus, toda a atividade humana se torna mais pobre, e as pessoas são reduzidas a objeto passível de exploração. Somente se a política e a economia aceitarem mover-se no amplo espaço assegurado por esta abertura Àquele que ama todo o homem e mulher, é que conseguirão estruturar-se com base num verdadeiro espírito de caridade fraterna e poderão ser instrumento eficaz de desenvolvimento humano integral e de paz.

Nós, cristãos, acreditamos que, na Igreja, somos membros uns dos outros e todos mutuamente necessários, porque a cada um de nós foi dada uma graça, segundo a medida do dom de Cristo, para utilidade comum (cf. *Ef* 4,7.25; *1 Cor* 12,7). Cristo veio ao mundo para nos trazer a graça divina, isto é, a possibilidade de participar na sua vida. Isto implica tecer um relacionamento fraterno, caracterizado pela reciprocidade, o perdão, o dom total de si mesmo, segundo a grandeza e a profundidade do amor de Deus, oferecido à humanidade por Aquele que, crucificado e ressuscitado, atrai todos a Si: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jo* 13,34-35). Esta é a boa

nova que requer, de cada um, um passo mais, um exercício perene de empatia, de escuta do sofrimento e da esperança do outro, mesmo do que está mais distante de mim, encaminhando-se pela estrada exigente daquele amor que sabe doar-se e gastar-se gratuitamente pelo bem de cada irmão e irmã.

Cristo abraça todo o ser humano e deseja que ninguém se perca. «Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele» (Jo 3,17). Fá-lo sem oprimir, sem forçar ninguém a abrir-Lhe as portas do coração e da mente. «O que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve – diz Jesus Cristo –. Eu estou no meio de vós como aquele que serve» (Lc 22,26-27). Deste modo, cada atividade deve ser caracterizada por uma atitude de serviço às pessoas, incluindo as mais distantes e desconhecidas. O serviço é a alma da fraternidade que edifica a paz.

Que Maria, a Mãe de Jesus, nos ajude a compreender e a viver todos os dias a fraternidade que jorra do coração do seu Filho, para levar a paz a todo o homem que vive nesta nossa amada terra.

Vaticano, 8 de Dezembro de 2013.

Franciscus

Deus pergunta a cada um de nós: «Onde está o sangue do teu irmão que clama até Mim?» Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano: ao vermos o irmão quase morto na beira da estrada, talvez pensemos «coitado» e prosseguimos o nosso caminho, não é dever nosso; e isto basta para nos tranquilizarmos, para sentirmos a consciência em ordem. A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença.

PAPA FRANCISCO — Homília em Lampedusa
(08/07/2013)

UMA SÓ FAMÍLIA HUMANA, ALIMENTO PARA TODOS*

Campanha da Caritas Internationalis



“Então, é necessário encontrar os modos para que todos possam beneficiar dos frutos da terra, não apenas para evitar que se alargue o fosso entre quantos são mais abastados e aqueles que se devem contentar com as migalhas, mas também e sobretudo para uma exigência de justiça e de equidade, bem como de respeito devido a cada ser humano.”

Papa Francisco à FAO (Food and Agriculture Organization), Junho 2013.

O QUE É A CAMPANHA DA CARITAS INTERNATIONALIS?

A Caritas acredita que é um escândalo que praticamente um bilião de pessoas passem fome todos os dias num mundo que tem recursos para alimentar todas as pessoas. Inspiramo-nos na parábola da multiplicação dos pães onde abunda comida e a qual é nosso dever partilhar. As 164 organizações que compõem a *Caritas Internationalis* estão se a unir, pela primeira vez, numa campanha que pretende acabar com a fome no mundo em 2025.

Acreditamos que este objetivo é alcançável se os governos assegurarem o direito à alimentação para todos incorporando-o na sua legislação nacional.

PORQUÊ O “DIREITO À ALIMENTAÇÃO”?

O direito à alimentação é um direito humano legal e que está claramente definido. Quando consagrado na legislação obriga a ações concretas dos governos, em matéria de redução de casos crónicos de subnutrição e de má-nutrição.

O direito à alimentação protege todos os seres humanos a viver uma vida digna, livre da fome, livre da insegurança alimentar e da má nutrição. O direito à alimentação não é um mero ato de filantropia mas o assegurar que todas as pessoas têm a capacidade de se alimentar com dignidade.

PRINCIPAIS DATAS DA CAMPANHA

A *Caritas Internationalis* efetuou o lançamento mundial da campanha a dia 10 de Dezembro de 2013 (dia internacional dos Direitos Humanos).

* <http://www.caritas.pt/alimentoparatodos/index.php/como-e-porque>

Em Outubro de 2014 será organizada uma Semana Global de Ação que pretende juntar as Cáritas, e as paróquias em todo o mundo, com diferentes eventos e atividades apelando aos governos para adotarem, na seu ordenamento jurídico, o direito à alimentação.

Em Maio de 2015, a *Caritas Internationalis* irá realizar a sua Assembleia Geral, em Roma, cujo tema será sobre a eliminação da fome. Logo após a Assembleia Geral, a *Caritas Internationalis* estará presente da feira Milan Exo2015, Alimentar o Planeta, energia para a vida.

Para saber datas dos eventos nacionais, deverá contactar com a Cáritas do seu país.

O QUE É QUE EU POSSO FAZER?

Abra os olhos, os ouvidos e o coração e tente perceber o impacto da fome no mundo. Olhe para as suas atitudes e comportamentos relativamente à comida e ao desperdício – o que poderia mudar?

As Cáritas nacionais irão organizar diversas ações. Entre em contacto e participe no seu trabalho. Junte-se através do facebook e do twitter. Esperamos que a multiplicação de ações pelo mundo inteiro possa criar uma gigantesca onde de apoio ao direito à alimentação.

Mais informação:

<http://www.caritas.pt/alimentoparatodos>



MOVIMENTO CONTRA O DISCURSO DE ÓDIO

Jovens pelos Direitos Humanos online



MOVIMENTO
CONTRA O
DISCURSO DE ÓDIO

Jovens pelos Direitos Humanos Online

O Discurso de Ódio, tal como definido pelo Conselho da Europa, abrange todas as formas de expressão que disseminam, incitam, promovem ou justificam o ódio racial, a xenofobia, o anti-semitismo e outras formas de ódio baseado na intolerância, incluindo a intolerância manifestada através do nacionalismo agressivo e etnocentrismo, a discriminação e hostilidade contra as minorias, migrantes e pessoas de origem imigrante.

Do apêndice à Recomendação N.º R (97) 20 (30 de Outubro de 1997) do Comité de Ministros do Conselho da Europa (adaptado)

O Movimento Contra o Discurso do Ódio – Jovens pelos Direitos Humanos online é uma campanha do Sector de Juventude do Conselho da Europa, que vai decorrer até final de 2014, e é feita pelos jovens e com os jovens, online e offline.

Tem como principal objetivo o combate ao discurso de ódio e à discriminação na sua expressão online. O Discurso de Ódio engloba “todas as formas de expressão que propagam, incitam, promovem ou justificam o ódio racial, a xenofobia, a homofobia, o antissemitismo e outras formas de ódio baseadas na intolerância”.

A internet dá-nos a possibilidade de criar, publicar, distribuir e consumir conteúdos fornecendo assim um espaço de completa participação, empenho e livre expressão pessoal. Com o desenvolvimento das Redes Sociais todos podemos participar no cibe-

espaço de formas muito diversas, desde o contato permanente com os nossos amigos e o desenvolvimento de novos contactos até à partilha de conteúdos e à exploração da nossa capacidade de nos exprimirmos. Este espaço online dá-nos novas oportunidades tais como aderir com outros a causas em que nos queremos empenhar e que nos preocupam.

Mas também podemos igualmente ser vítimas e agentes de abusos e violações dos Direitos Humanos, entre as quais, o discurso de ódio em diversos formatos e o cyberbullying. O mundo online não deixa de ter valores. O discurso de ódio, como tal, não é um assunto novo na internet, nem no debate sobre direitos humanos. A sua dimensão online e o dano potencial que pode provocar em processos democráticos dá-nos novas razões para agir!

Objetivos da campanha:

- Sensibilizar para o discurso de ódio online e seus riscos para a democracia e promover a literacia nos meios de comunicação social e na internet;
- Apoiar os jovens na defesa dos direitos humanos, online e offline;
- Reduzir os níveis de tolerância ao discurso do ódio online;
- Mobilizar e formar jovens ativistas de direitos humanos para trabalhar online;
- Mostrar apoio e solidariedade para com pessoas e grupos alvos do discurso do ódio online;
- Desenvolver formas de participação da juventude e a cidadania digital.

Em resumo, pretende-se combater o racismo e a discriminação na sua expressão online, como discurso de ódio, e proporcionar aos jovens e às organizações de juventude as competências necessárias para reconhecer e agir contra este tipo de violação dos Direitos Humanos.

O Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ, I.P.) assumiu a responsabilidade da coordenação do Comité Nacional da Campanha, do qual fazem igualmente parte as seguintes entidades:

- Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural
- Amnistia Internacional

- Associação Par – respostas sociais
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
- Bué Fixe, Associação Juvenil
- Centro Internet Segura
- Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género
- Confederação do Desporto de Portugal
- Conselho Nacional de Juventude
- Direção Geral de Educação
- Federação Nacional das Associações Juvenis
- ILGA Portugal — Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero
- Rede Ex aequo
- Rede Portuguesa de Jovens para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens

A CAMPANHA EM PORTUGAL está a decorrer online e offline, em torno de alguns momentos fortes como sejam ações de formação e informação, seminários temáticos e outras iniciativas, acompanhando ainda a dinâmica europeia através da celebração dos Dias Europeus de Ação e abordando as temáticas específicas propostas a nível europeu.

Tudo o que queremos é tornar a internet num local seguro para os direitos humanos!

Mais informações:

<http://www.odionao.com.pt/>



NÃO DEIXEM QUE NOS ROUBEM A ESPERANÇA

Campanha de emergência para a Síria



*A **Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS)** lançou uma campanha de emergência para a Síria. A guerra civil, os ataques de grupos fundamentalistas islâmicos, a fome, o frio e o caos absoluto estão a provocar um dos maiores êxodos da História*

Nunca é demais recordar os números da tragédia que continua a assolar a Síria. Nunca é demais lembrar que esta contabilidade parece não ter fim. Todos os dias há mais mortos, mais feridos, mais deslocados, mais pessoas a fugir da Síria, a engrossarem o número de refugiados.

Todos os dias há mais alguém em lágrimas, crianças órfãs, famílias dilaceradas, gente que deambula sem rumo entre os escombros das suas casas, dos seus bairros, das suas cidades.

A guerra afetou já diretamente 7 milhões de pessoas, sendo que 3 milhões são refugiados em países na região e mais de 4 milhões estão deslocados dentro da Síria. Estes milhões de sírios estão fora de suas casas, dos seus bairros, das suas cidades ou aldeias, dos seus amigos e vizinhos. Provavelmente, já perderam tudo. Estão de mãos

vazias. Segundo a ONU, esta guerra causou já a maior crise de refugiados no mundo nos últimos 20 anos.



Mais informações:

http://www.fundacao-ais.pt/uploads/noticias/edicao_1386251225_9058.pdf

Sobre a situação na Síria:

<http://www.paxchristi.net>

Campanha de oração pela paz na Síria

AGORA é o momento de rezar pelo povo Sírio e pela paz.

O Patriarca Greco-Católico Melquita de Antioquia, Gregório III Laham, sublinhou que apesar da realidade presente, as iniciativas de paz ainda são viáveis e deveria ser a prioridade máxima de todos os países envolvidos nesta crise.

Em resposta a este apelo, a Fundação **Ajuda à Igreja que Sofre (AIS)** lançou uma campanha de oração pela paz e reconciliação na Síria, que pode ser rezada durante uma semana, e **convida todos os que queiram fazer parte desta corrente de oração a iniciá-la a qualquer momento**. A AIS acredita no poder da oração. Por esta razão, preparou um conjunto de textos para estes sete dias de oração, Convidamos as pessoas de todas as crenças a unir-se nesta campanha de oração pela paz neste país sofredor.

Mais informações:

<http://www.fundacao-ais.pt/cms/view/id/3832/>



Quantas pessoas têm de morrer para que as armas se calem e se consiga ouvir o choro das crianças, das viúvas, dos velhos?

Desde Março de 2011 morreram mais de 100 mil pessoas na guerra civil, que já desfigurou irremediavelmente a Síria. E que dizer dos mais de 6 milhões de deslocados e refugiados? Não há, seguramente, uma única família que não esteja de luto. **Não há ninguém, na Síria, que não tenha já chorado os seus mortos.**

Há famílias inteiras de sírios que vivem, desde Março de 2011, em tendas, em campos de refugiados nos países vizinhos.

Pessoas que abandonaram as suas casas, as suas terras, vizinhos e amigos, e que tiveram de partir para salvar a própria vida, deixando tudo para trás?

COLETÂNEA DE ORAÇÕES

uma só família humana, alimento para todos

Oração

Senhor, nosso Deus, confiaste-nos os frutos da Criação para que soubéssemos cuidar da Terra e fôssemos por ela alimentados generosamente.

Enviaste-nos o teu Filho para partilhar a nossa carne e o nosso sangue, ensinando-nos a Lei do Amor. Pela sua morte e ressurreição tornamo-nos uma só família humana.

Jesus manifestou uma particular atenção para com aqueles que não tinham alimento, transformando mesmo cinco pães e dois peixes num banquete para mais de cinco mil pessoas.

Apresentamo-nos diante de Ti, Senhor nosso Deus, conscientes das nossas faltas e das nossas omissões, mas cheios de esperança, para partilhar o alimento com todos os membros da grande família humana.

Na tua sabedoria, inspira os responsáveis dos governos e das empresas, inspira os cidadãos do mundo inteiro para que encontre soluções justas e solidárias capazes de pôr termo à fome, assegurando que todos os povos tenham direito à alimentação.

Isto te pedimos, Senhor nosso Deus, para que quando estivermos diante de Ti possamos apresentarmo-nos como "Uma Só Família Humana" com "Alimento para Todos".

Amen.

www.caritas.pt/alimentoparatodos

ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor,
faça de mim um instrumento da vossa paz:
onde houver ódio, que eu leve o amor;
onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
onde houver discórdia, que eu leve a união;
onde houver dúvida, que eu leve a fé;
onde houver erro, que eu leve a verdade;
onde houver desespero, que eu leve a esperança;
onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
onde houver trevas, que eu leve a luz.

Senhor, faça que eu procure mais:
consolar, que ser consolado,
compreender que ser compreendido,
amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdendo que se é perdoado,
e é morrendo que se ressuscita para a vida eterna!

Oração atribuída a S. Francisco de Assis

ORAÇÃO PARA VIVER COM SIMPLICIDADE

Deus compassivo e bondoso,
criaste o mundo para ser partilhado por todos,
um mundo de beleza e abundância.
Cria em nós o desejo de viver de forma simples,
para que as nossas vidas possam espelhar a tua generosidade

Deus criador,
deste-nos a responsabilidade sobre a terra,
um mundo de riqueza e encanto.

Cria em nós o desejo de viver de forma sustentável, para que aqueles que nos sucederem possam gozar dos frutos da tua criação.

Deus de paz e justiça,
deste-nos a capacidade de mudar, de suscitar um mundo que espelhe a tua sabedoria.
Cria em nós o desejo de agir em solidariedade, para que os pilares da injustiça desabem e aqueles que agora estão esmagados sejam libertados. Ámen.

© Linda Jones / CAFOD

ONDE ESTÁ O SANGUE DO TEU IRMÃO?

Peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconómicas que abrem caminho a dramas como os dos imensos emigrantes naufragados.

Senhor, pedimos perdão pela indiferença por tantos irmãos e irmãs;
pedimo-Vos perdão, Pai, por quem se acomodou, e se fechou no seu próprio bem-estar que leva à anestesia do coração;
pedimo-Vos perdão por aqueles que, com as suas decisões a nível mundial, criaram situações que conduzem a estes dramas.
Perdão, Senhor!

Senhor, fazei que hoje ouçamos também as tuas perguntas: «Adão, onde estás?», «Onde está o sangue do teu irmão?»

*Adaptada da Homilia do Papa Francisco em Lampedusa
(08/07/2013)*

PERANTE A INJUSTIÇA ECONÓMICA E POBREZA

Deus de Justiça, no nosso mundo há lugares em que transborda a comida; mas há outros em que não se tem o suficiente e onde os famintos e os doentes são imensos.

Deus de Paz, no nosso mundo há pessoas que tiram proveito da violência e da guerra, enquanto outros, por causa da guerra e da violência, são obrigados a abandonar os seus lares e a tornarem-se refugiados.

Deus de Compaixão, ajuda-nos a compreender que não podemos viver apenas do dinheiro, mas que podemos viver da Palavra de Deus.

Ajuda-nos a compreender que não podemos chegar à vida e à prosperidade verdadeira a não ser amando a Deus e obedecendo à sua vontade e aos seus ensinamentos.

Isto te pedimos em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Ámen.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2009

PELA PAZ E PELA JUSTIÇA

Ó Deus, que amas a justiça e estabelece a paz na terra, trazemos perante ti a desunião do nosso mundo hoje:

a violência absurda e todas as guerras que minam a coragem dos povos do mundo;
o militarismo e a corrida armamentista que ameaçam a vida da terra;
a ganância e a injustiça humanas que geram o ódio e o conflito.

Envia o teu Espírito e renova a face da terra; ensina-nos a ser compassivos para com toda a família humana;
fortalece a vontade de todos aqueles e aquelas que lutam pela justiça e pela paz;
conduz as nações pelos caminhos da paz, e dá-nos aquela paz que o mundo não pode dar.

*Textes litúrgiques: Louons Dieu et célébrons la vie
© Masamba ma Mpolo et Mengi Kilandamoko, Zaire, 1988*

ORAÇÃO PELO POVO DA SÍRIA

Deus de Compaixão,
escuta o clamor do povo Sírio,
conforta os que sofrem violência,
consola os que choram os seus mortos.
Fortalece os países vizinhos para que acolham os refugiados.
Toca os corações dos que recorrem às armas e protege os que trabalham pela paz.

Deus da Esperança,
inspira os líderes para que escolham a paz em vez da violência e para que procurem a reconciliação com os seus inimigos.
Inflama a compaixão na Igreja Universal para com o povo Sírio e dá-nos esperança num futuro com base na justiça para todos.

Nós Te pedimos por Jesus Cristo, Príncipe da Paz e Luz do mundo.
Ámen.

Fundação AIS

SUGESTÕES PARA ASSINALAR O DIA MUNDIAL DA PAZ E USAR O TEMA*

Para além de uma Eucaristia pela paz, pode-se organizar uma paraliturgia pela paz, uma vigília da paz ou outro tipo de evento baseado no tema: *Fraternidade, fundamento e caminho para a paz*.

PROPOSTAS PARA ATIVIDADES*

Construir a paz através do respeito por todos os Direitos Humanos**

OBJETIVOS

Permitir aos participantes:

- a) Sentir que são parte da sua comunidade;
- b) Entender que podem influenciar o mundo que os rodeia;
- c) Conhecer os grupos de inserção comunitária e a própria comunidade enquanto entidades vivas e ativas;
- d) Tomar consciência de que os direitos humanos nem sempre são respeitados para todos e de igual modo.

MÉTODO

1. Iniciar com um debate propondo aos participantes que identifiquem os direitos que ***não são*** respeitados plenamente para todos na sua comunidade. Enunciá-los e listá-los.
2. Escolher um destes direitos, discuti-lo, aprofundar as suas repercussões e implicações, analisá-lo em toda a sua extensão

* As atividades aqui propostas podem ser realizadas com pessoas de todas as idades desde que o animador adapte a linguagem de acordo com as características dos elementos do grupo.

** In *Cultivemos a Paz. Folhas Temáticas e de Actividades sobre a Paz para Educadores e Animadores*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 2003.

3. Partindo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, associar o direito não respeitado ao artigo da Declaração que lhe corresponde.
4. Dividir os participantes em pequenos grupos. Cada grupo deverá planificar uma ação concreta para promover este direito na sua comunidade. (Utilizar a **Folha de Actividade nº 3-B — Em Acção!***).
5. Finalmente, em plenário, apresentar e comparar as diferentes ações propostas. Elaborar um projeto conjunto de ação.

Folha de Actividade N.º 3-B
EM ACÇÃO!

1. Título da acção:

2. Resumo da acção:

3. Categoria:

Direitos Políticos:	☐	Direitos Económicos e Sociais:	☐
Liberdade de Expressão:	☐	Asilo e Liberdade de Circulação:	☐
Direito à Privacidade:	☐	Direitos legais:	☐

4. Descrever de que modo este direito não é plenamente respeitado:

5. O artigo correspondente da Declaração Universal dos Direitos Humanos é:

* Disponível online em http://www.paxchristiportugal.net/Storage/EduPaz/Cultivemos_paz_fa3B.pdf.

IDEIAS PARA TRABALHAR COM CRIANÇAS*

Atividade 1: Criar um caminho para a paz**

Convide as crianças a refletirem sobre os passos ou as coisas que podemos fazer para que a paz se torne mais real nas nossas vidas.

Arranje pegadas recortadas em papel e peça às crianças para escreverem nelas as suas ideias e também para as pintarem ou fazerem desenhos. Depois diga-lhes para partilharem uns com os outros as ideias que escreveram.

Depois proponha-lhes juntar as pegadas de forma a criar um caminho de paz. Onde poderão ser colocadas para que toda a gente possa ver o caminho? Em algum local na igreja? Numa parede? No chão? Podem ser penduradas em algum lado?



ORAÇÃO DE S. FRANCISCO

Utilize o postal com a oração de S. Francisco — disponível em http://www.paxchristiportugal.net/Storage/EduPaz/Oracao_SFrancoisco_crianças_A6.pdf — com as crianças.

Convide-as a lerem juntas a oração e depois a pensarem como cada um de nós pode ser uma pessoa que traz a paz de Deus ao mundo.

As crianças podem escrever as suas próprias orações para a paz e colorirem e decorarem o postal para ser oferecido a um amigo ou familiar.

* Para mais atividades ver *Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 1995.

** Adaptada da publicação da Pax Christi UK, *Peace Sunday* 2014.

Atividade 2: Construir um mundo mais solidário*

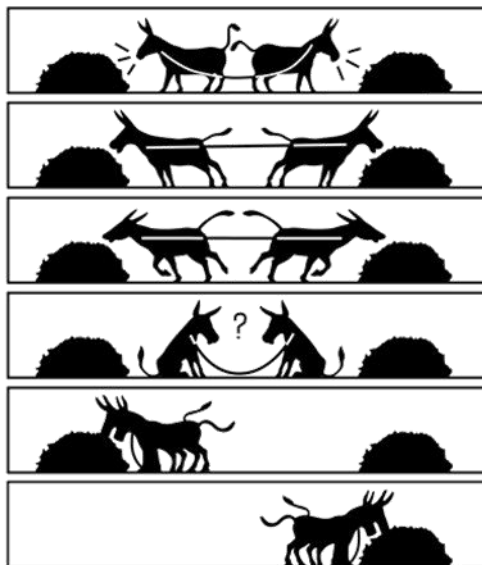


Imagem disponível em

<http://www.paxchristiportugal.net/Storage/EduPaz/compromise-donkey.pdf>.

Possibilidades de exploração:

1. Apresentar a sequência de desenhos e pedir às crianças que inventem uma legenda para cada desenho;
2. Pedir às crianças que, a partir da sequência de desenhos, contem e/ou escrevam a história;
3. Fazer a dramatização da história;
4. Pedir às crianças que dêem exemplos de situações do quotidiano similares a esta e que possam ser resolvidas através de atitudes de solidariedade (por ex: "A" tem um lápis de cor verde e "B" tem um lápis azul. Ambos precisam das duas cores mas não querem emprestar o seu lápis!).
5. Transpôr esta história para situações reais de nível nacional e/ou internacional: fome/excesso de alimentos; barracas/casas devolutas; desemprego/sobrecarga de trabalho; etc.

* In *Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos*. Lisboa: Pax Christi – Secção Portuguesa, 1995.

PARA APROFUNDAR

A Educação para a Paz tem sido uma preocupação e um investimento fundamental da secção portuguesa da Pax Christi, Movimento Católico Internacional para a Paz, desde o seu início. Além de workshops e ações de formação, têm sido também produzidos materiais pedagógicos. Destacamos os seguintes:

A Pedagogia da Paz numa sociedade multicultural. Textos de intervenções no “Fórum de Pedagogia da Paz”. Lisboa, 28 e 29 de Maio de 1994



Família, Escola, Igreja, Comunicação Social e, também, o Estado têm um papel fundamental no desenvolvimento da consciência individual e coletiva. Como está a ser desempenhado este papel? Como desenvolver uma pedagogia que eduque para a Paz, e, portanto, para os valores fundamentais da pessoa e da convivência humana? Foram estas e outras questões fundamentais para a construção de uma verdadeira PAZ na nossa sociedade, que tentámos analisar num seminário que a Pax Christi portuguesa organizou por ocasião do “Fórum de Pedagogia da Paz” que teve lugar a 28 e 29 de Maio de 1994, em Lisboa. Nesta brochura são apresentados os textos de algumas das intervenções feitas neste seminário. Pela importância dos seus conteúdos julgamos que estas constituem bases fundamentais de reflexão para todos quantos se interessam pela educação para a paz. 43 págs. A4; 1994 - € 3.00.

Com as Crianças Construir a Paz. Caderno de fichas para Professores e Animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos



Este caderno de fichas pretende ser uma ajuda para professores e animadores de grupos de crianças com idades entre os 6 e os 13 anos. Está estruturado em três partes: 1ª - Fichas de texto com indicação de algumas possibilidades de exploração dos mesmos; 2ª - Fichas práticas que podem ser reproduzidas para ser trabalhadas com as crianças; 3ª - Anexos (Desenhos de apoio para algumas atividades); Na 1ª e 2ª partes as fichas estão também organizadas por temas: Guerra e Paz, Tolerância, Solidariedade. No entanto a partir destas fichas, outros temas podem ser abordados e desenvolvidos: violência e não-violência, interdependência, racismo, direitos humanos, diálogo inter-religioso e intercultural, etc. As fichas de texto e fichas práticas podem ser utilizadas separadamente ou em conjunto e pela ordem que o animador e/ou professor julgar mais adequada. 25 págs. A4; 1995 - € 2.00.

Cultivemos a Paz. Folhas Temáticas e de Atividades sobre a Paz para Educadores e Animadores



Na senda da celebração do Ano Internacional da Cultura de Paz (2000), surgiram estas folhas temáticas e de atividades, a que apelidámos de “*Cultivemos a Paz*”. Foi seu objetivo proporcionar, mensalmente, algum material de reflexão e sugestões de atividades simples que pudessem ser realizadas em grupo, a todos quantos pretendam trabalhar para a construção da paz, nomeadamente educadores e animadores. Ao longo de 12 meses foram saindo, mais ou menos regularmente, 12 temas para reflexão inspirados nas oito esferas de ação apontadas pela *Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz das Nações Unidas* (resolução A/53/243, de 13 de Setembro de 1999): Cultura de paz através da educação; Desenvolvimento económico e social sustentável; Respeito por todos os direitos humanos; Igualdade entre homem e mulher; Participação democrática; Compreensão, tolerância e solidariedade; Comunicação participativa e livre circulação de informação e conhecimentos; Paz e segurança internacionais. Eis agora todo esse material reunido numa única publicação. 82 págs. a cores. A4; 2003 - € 10,00. Também disponível em CD - € 5,00.

Era uma vez um conflito. A resolução de conflitos para todas as idades



Os contos de fadas são como um espelho para muitos dos problemas contemporâneos. Se os analisarmos cuidadosamente, encontramos reflexos de conflito étnico, crime, problemas de dívidas, expansão urbana, desagregação familiar, pobreza, ciúmes e intolerância. Nesta brochura, “*Era uma vez um conflito. A resolução de conflitos para todas as idades*”, o ângulo sob o qual é apresentado cada exercício de resolução de conflitos não pretende ser “a verdade” da história original. É apenas um dos cenários possíveis, escolhido para exemplificar alguns dos problemas que encontramos hoje. As histórias foram adaptadas, para mostrar como é que as coisas poderiam ter sido encaradas do ponto de vista das personagens menos simpáticas.

Esta brochura não pretende ser um “*manual*” de resolução de conflitos, são apenas feitas algumas propostas de exercícios práticos e fornecidas as regras e técnicas básicas da resolução de conflitos e da mediação. 32 págs. A5; Janeiro 2008 - € 2,00.

Gestão de Conflitos. Um Incentivo para uma Melhor Compreensão



Durante a Semana da Paz, celebrada entre 17 de Setembro e 3 de Outubro de 1993, a Pax Christi Flamengo, juntamente com outras Organizações de Paz, pretenderam pôr em destaque o tema do conflito. O slogan “Não evites o conflito” constituiu um apelo para que cada pessoa aprenda a lidar com os conflitos. Esta brochura, “*Gestão de Conflitos. Um Incentivo para uma Melhor Compreensão*”, resultado dessa semana, contém algumas informações básicas sobre gestão de conflitos e pretende ser um contributo para aqueles que desejem estudar com maior profundidade este assunto fascinante e simultaneamente tão complexo. 36 págs. A5; Janeiro 2008 - € 2,00.

Estas e outras publicações podem ser solicitadas através do e-mail: paxchristi_pt@hotmail.com, ou descarregadas diretamente do site da Pax Christi Portugal em:

www.paxchristiportugal.net/publicacoes.html.

TEMAS DAS MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ (1968-2014)

PAULO VI

- 1968: O 1º de Janeiro: Dia Mundial da Paz
- 1969: A promoção dos direitos do homem, caminho para a paz
- 1970: Educar-se para a paz através da reconciliação
- 1971: Todo o homem é meu irmão
- 1972: Se queres a paz, trabalha pela justiça
- 1973: A paz é possível
- 1974: A paz também depende de ti
- 1975: A reconciliação, caminho para a paz
- 1976: As verdadeiras armas da paz
- 1977: Se queres a paz, defende a vida
- 1978: Não à violência, sim à paz

JOÃO PAULO II

- 1979: Para alcançar a paz, educar para a paz
- 1980: A verdade, força da paz
- 1981: Para servir a paz, respeita a liberdade
- 1982: A paz: dom de Deus confiado aos homens
- 1983: O diálogo para a paz, um desafio para o nosso tempo
- 1984: De um coração novo nasce a paz
- 1985: A paz e os jovens caminham juntos
- 1986: A paz é um valor sem fronteiras. Norte-Sul, Leste-Oeste: uma só paz
- 1987: Desenvolvimento e solidariedade, chaves da paz
- 1988: Liberdade religiosa, condição para a convivência pacífica
- 1989: Para construir a paz, respeitar as minorias
- 1990: Paz com Deus criador, paz com toda a criação

- 1991: Se queres a paz, respeita a consciência de cada homem
- 1992: Os crentes unidos na construção da paz
- 1993: Se procuras a paz, vai ao encontro dos pobres
- 1994: Da família nasce a paz da família humana
- 1995: Mulher: educadora de paz
- 1996: Dêmos às crianças um futuro de paz
- 1997: Oferece o perdão, recebe a paz
- 1998: Da justiça de cada um nasce a paz para todos
- 1999: No respeito dos direitos humanos o segredo da verdadeira paz
- 2000: "Paz na terra aos homens, que Deus ama!"
- 2001: Diálogo entre as culturas para uma civilização do amor e da paz
- 2002: Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão
- 2003: "*Pacem in terris*": um compromisso permanente
- 2004: Um compromisso sempre actual: educar para a Paz
- 2005: Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

BENTO XVI

- 2006: Na verdade, a paz
- 2007: A pessoa humana, coração da paz
- 2008: Família humana, comunidade de paz
- 2009: Combater a pobreza, construir a paz
- 2010: Se quiseres cultivar a Paz, preserva a Criação
- 2011: Liberdade Religiosa, Caminho para a Paz
- 2012: Educar os jovens para a justiça e a paz
- 2013: Bem-aventurados os Obreiros da Paz
- 2014: Fraternidade, fundamento e caminho para a paz



Pax Christi Portugal

A/c CRC

Rua Castilho, 61 – 2º Dtº

1250-068 LISBOA

Tel. 910864455

E-mail: paxchristi_pt@hotmail.com

Webpage: <http://www.paxchristiportugal.net>